

Algumas considerações sobre o geógrafo anarquista Piotr Kropotkin e a comunidade rural Yuba em Mirandópolis (SP)¹

Eduardo Roberto Mendes

Graduado em Licenciatura e Bacharelado em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, *campus* universitário de Três Lagoas
Professor da Rede Pública de Ensino do Estado de Mato Grosso do Sul
Endereço eletrônico: edumendesgeo@yahoo.com.br

Rosemeire Aparecida de Almeida

Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (2003)
Professora Adjunta dos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, *campus* universitário de Três Lagoas
Endereço profissional: Av. Ranulpho Marques Leal, 3.484, Distrito Industrial, 79.610-100, Três Lagoas, MS, Brasil – Caixa-Postal: 210 – Telefone: 55 67 3509-3700, Ramal: 3780. Fax: 55 67 3509-3760
Endereço eletrônico: raalm@ceul.ufms.br

Resumo

O presente trabalho apresenta uma descrição analítica dos ideais anarquistas e suas principais correntes, principalmente, o geógrafo anarquista Piotr Kropotkin que viveu de 1842 a 1921 e suas principais obras, fazendo uma ligação com a comunidade rural Yuba localizada no município de Mirandópolis, interior de São Paulo. As idéias de Kropotkin têm como núcleo fundante a expropriação dos bens da humanidade, onde tudo é de todos; da não propriedade privada, e sim das terras sendo cultivadas em comum; do princípio da não autoridade, e sim da autonomia do homem; do desenvolvimento livre da ciência e das artes para todos; da produção conforme a possibilidade de cada um, e o consumo conforme a necessidade. Em nosso trabalho de campo foi possível identificar na Comunidade Yuba estas práticas citadas, algumas com problemas e outras em plena (co)vivência. Acreditamos que atualmente, neste sistema capitalista que venera o individualismo, as obras de Kropotkin tornam-se necessárias para o contraponto, pois colocadas em prática nos revelam uma nova utopia, contribuindo para pensarmos e lutarmos por uma outra sociedade tendo como base à ajuda mútua. Por outro lado, cabe destacar que esta nova sociedade não é um mero idealismo, ela existe, como pudemos analisar entre os Yubas.

Palavras-chave: anarquismo; Kropotkin; utopia; comunidade Yuba; posse em comum.

Resumen

Algunas consideraciones sobre el geógrafo anarquista Piotr Kropotkin y la comunidad rural Yuba en Mirandópolis (SP)

El presente trabajo presenta una descripción analítica de los ideales anarquistas y sus principales corrientes, principalmente, el geógrafo anarquista Piotr Kropotkin que vivió de 1842 a 1921 y sus principales obras, haciendo una conexión con la comunidad rural Yuba localizada en el municipio de Mirandópolis, interior de São Paulo. Las ideas de Kropotkin tienen como núcleo la expropiación de los bienes de la humanidad, donde todo es de todos; de la no propiedad privada, y sí de las tierras siendo cultivadas en común; del principio de la no autoridad, y sí de la autonomía del hombre; del desarrollo libre de la ciencia y de los artes para todos; de la producción conforme la posibilidad de cada uno, y el consumo conforme la

¹ Texto adaptado da monografia de Bacharelado intitulada: “A vida e obra do geógrafo anarquista Piotr Alexeevich Kropotkin e seus ideais na atualidade: estudo de caso da comunidade Yuba em Mirandópolis – SP”, defendida em 2006 para obtenção do título de Bacharel em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

necesidad. En nuestro trabajo de campo fue posible identificar en la Comunidad Yuba estas prácticas citadas, algunas con problemas y otras en plena vivencia. Creemos que actualmente, en este sistema capitalista que venera el individualismo, las obras de Kropotkin se hacen necesarias para el contrapunto, pues colocadas en práctica nos revelan una nueva utopía, contribuyendo para que pensemos y que luchemos por una otra sociedad teniendo como base a la ayuda mutua. Por otro lado, cabe destacar que esta nueva sociedad no es un mero idealismo, ella existe, como pudimos analizar entre los Yubas.

Palabras clave: anarquismo; Kropotkin; utopía; comunidad Yuba; posesión en común.

Abstract

Some reflexion on the anarchic geographer Piotr Kropotkin and agricultural community Yuba in Mirandópolis (SP)

The present work presents an analytical description of the anarchic ideals and its main chains, mainly, the anarchic geographer Piotr Kropotkin who lived of 1842 the 1921 and its main workmanships, making a linking with the agricultural community Yuba located in the city of Mirandópolis, interior of São Paulo. The ideas of Kropotkin have as nucleus the expropriation of the goods of the humanity, where everything is of all; of not the private property, and yes of lands being cultivated in common; of the principle of not the authority, and yes of the autonomy of the man; of the free development of science and the arts for all; of in agreement production the possibility of each one, and in agreement consumption the necessity. In our work of field it was possible to identify in the Yuba Community these practical cited, some with problems and others in full experience. We believe that currently, in this capitalist system that venerates the individualism, the workmanships of Kropotkin become necessary for the counterpoint, therefore placed practical disclose a new utopia to them, contributing to think and to fight for one another society having as base to the mutual aid. On the other hand, it fits to detach that this new society is not a mere idealism, it exists, as we could analyze between the Yubas.

Keywords: anarchism; Kropotkin; utopia; Yuba community; ownership in common.

Introdução

Nas últimas décadas vem crescendo no meio acadêmico, de forma específica na produção geográfica, a crítica radical à sociedade, que é um dos princípios da teoria anarquista. Logo acreditamos na necessidade de estudarmos os autores clássicos desta doutrina, bem como a manifestação prática desta radicalidade.

O anarquismo é – em termos gerais – uma doutrina de crítica da sociedade capitalista, visando sempre sua transformação e buscando a liberdade individual sem desprezar o social.

A etimologia da palavra Anarquismo vem do grego “*anarchos*” que quer dizer “sem governo”, ou seja, uma ideologia que tem como pressuposto a idéia de inexistência de qualquer tipo de governo ou poder.

Para os anarquistas as instituições governamentais são intrinsecamente injustas e autoritárias o que as tornam prejudiciais à sociedade. Portanto, os anarquistas crêem que o Estado é desnecessário, existindo outras formas alternativas e viáveis para a organização da sociedade.

Em termos históricos “Anarquia” e “Anarquista” aparecerem de forma mais presente durante a Revolução Francesa, no entanto com um sentido de crítica negativa e até de insulto, onde elementos de vários partidos usavam estes termos para difamar seus

opponentes, geralmente pessoas de esquerda (WOODCOCK, 2002). Esta conotação negativa da palavra prevalece até hoje na linguagem popular.

Contra esta deturpação do anarquismo que aconteceu durante a Revolução Francesa temos os ensinamentos de Kropotkin que diz que o anarquismo tem suas raízes na Idade da Pedra quando o homem começou a viver em sociedade, pois para ele o instinto de justiça, de cooperação e de liberdade é um instinto natural do ser humano. O autor na verdade, procurou as raízes do anarquismo não nos filósofos, mas na massa anônima do povo. (Id., 2002)

Principais correntes anarquistas e os ideais de Kropotkin

É fundamental entender também que dentro da doutrina Anarquista existem muitas variantes, as principais são:

O **anarquismo individualista**: consiste na total liberdade individual. Para isto defende a extinção do Estado, porque este limitaria o indivíduo e a liberdade pessoal, todavia não descarta a associação de indivíduos com caráter provisório. Defende também a apropriação individual do trabalho produzido. Em relação aos representantes, William Godwin (1756-1836) é o mais flexível nas formas de entendimento dessa nova sociedade, já Max Stirner (1806-1856) representa a radicalidade.

O **anarquismo mutualista**: é uma posição intermediária entre o anarquismo individualista e o anarquismo coletivista e comunista. Não defende nem o individualismo total, nem o comunismo. Acredita que a associação é apenas um meio para alcançar um fim, que será a liberdade individual. É elaborado por Pierre Joseph Proudhon (1809-1865) considerado por muitos o primeiro anarquista assumido, e por isso pai do anarquismo.

O **anarquismo coletivista**: tem como sua principal máxima: “De cada um, de acordo com os seus meios; para cada um, de acordo com suas ações”. Foi defendida principalmente por Michael Bakunin (1814-1876) que acreditava, como a maioria dos anarquistas, na expropriação de todos os bens da humanidade e na inexistência de governo. É igual, na maioria dos seus princípios, ao anarquismo comunista diferindo somente no modo de distribuição dos bens e produtos acumulados pela humanidade.

O **anarquismo comunista**: Tem princípios muito próximos do anarquismo coletivista de Bakunin, diferenciando-se no modo de distribuição das riquezas produzidas, logo que sua máxima é: “de cada um de acordo com suas possibilidades e a cada um de acordo com as suas necessidades”. Seu idealizador foi Piotr Kropotkin (1842-1921), ele entendia que era necessário, como alicerce desta proposta, a total expropriação dos bens da humanidade, já que compreendia ser impossível medir a contribuição de cada um no processo histórico da humanidade, censurava também qualquer tipo de governo ou representatividade.

Kropotkin era russo de família rica. Na sua biografia destaca-se o fato de que na Internacional ficou ao lado dos que apoiavam a facção de Bakunin (apesar das diferenças teóricas), portanto contra as idéias de Marx, oficializando assim as diferenças em relação ao pensamento deste intelectual. Como todo filósofo com idéias distintas em relação aos demais de sua época não teve o devido reconhecimento, ficando à margem do pensamento hegemônico (de esquerda) da época, principalmente o geográfico. Portanto, resgatar as obras de Kropotkin se faz muito importante pelo conteúdo de crítica radical que contém e também por acreditarmos que muitos de seus ideais continuam necessários e vivos na atualidade.

Acredita-se que a originalidade do pensamento de Kropotkin o tornou o principal responsável pela mudança da teoria anarquista, depois dele o anarquismo se tornou uma “teoria séria e idealista de transformação social, e não mais uma doutrina de violência de classes e de destruição indiscriminada” (WOODCOCK, 2002, p. 214).

A base de construção de sua teoria vem de sua experiência no governo dos Czares, experiência que nele despertou o horror pelo governo autocrático e a decepção com a indiferença e a corrupção daqueles que representavam o Estado. Por outro lado, mostrou-se impressionado com o sucesso de colonização em bases cooperativas de exilados na

Sibéria. “Comecei a apreciar a diferença que existe entre a ação baseada no princípio do comando e da disciplina e na ação baseada no princípio do entendimento mútuo” (KROPOTKIN apud WOODCOCK, 2002, p. 219).

Sua contribuição como geógrafo baseia-se principalmente nas 50 mil milhas que viajou pelo Oriente elaborando teorias sobre a estrutura das cadeias de montanhas e platôs da Ásia Oriental, articulando estes conhecimentos com a discussão sobre a grande seca que levou povos da Ásia Oriental a migrarem para o ocidente provocando invasões bárbaras na Europa e no Oriente. Foi também um dos colaboradores da Enciclopédia Britânica

Como fruto destas expedições recebeu convite para assumir a Sociedade Geográfica Russa, mas recusou o convite por pensar que havia coisas mais importantes a se fazer naquele momento como, por exemplo, “lutar por uma sociedade mais justa”. Em 1878 funda o Jornal *Le Révolté* que se tornaria o mais influente dos jornais anarquistas.

Dentre as suas principais obras destacam-se: **“Palavras de um Revoltado”**, publicado com a ajuda de Elisée Reclus (que também era geógrafo e anarquista), em 1885. O livro trata da incapacidade dos governos revolucionários, para ele: “Nada se faz de bom e durável senão pela iniciativa do povo, e todo poder tende a matá-la” (KROPOTKIN, 2005, p. 10). Faz crítica contumaz aos socialistas dizendo que estes estão mais preocupados com a burocracia, enquanto os anarquistas estão mais preocupados com a prática da igualdade. Diz ainda que atos de protestos e revoltas fazem mais propagandas do que milhares de brochuras: “Basta de leis, basta de juizes! A liberdade, a igualdade e a prática da solidariedade são o único dique eficaz que podemos opor aos instintos anti-sociais de alguns de nós” (KROPOTKIN, 2005, p. 11).

No Livro **“A conquista do Pão”**, publicado em Paris no ano de 1892, é onde Kropotkin desenvolve mais explicitamente a teoria do anarquismo comunista. Nele reúne artigos escritos nos últimos dez anos, onde aborda vários temas da vida cotidiana e problemas sociais que sofria o povo naquele momento - e alguns até hoje – propondo soluções pensadas para um mundo onde a produção seria para o consumo e não para o lucro. Ele acreditava não se tratar de uma visão de sociedade utópica, mas sim uma discussão presente das razões científicas e históricas dos problemas que afligem a humanidade e da sua superação. Acreditava fundamentalmente que é necessário criar comunas (unidades mais próximas ao povo para suas preocupações imediatas), sendo que estas comunas não seriam impostas por um governo e sim fruto de uma união voluntária: “pela união das outras comunas produzem uma rede de cooperação que substitui o Estado” (WOODCOCK, 2002, p. 233).

Certamente seu Livro **“A ajuda mútua”**, publicado em 1902, é o mais conhecido e surge como resposta aos neo-darwinistas que transportaram para o campo social as idéias naturalistas da obra de Darwin como forma de legitimar o imperialismo de países europeus na época. Kropotkin refuta as idéias dos neo-darwinistas defendendo que a ajuda mútua é mais importante para evolução das espécies, pois ela é instintiva e esta presente em todos os seres vivos, sendo ela a responsável pela sobrevivência e proteção dos mais fracos. E que embora força, rapidez, astúcia, cores e peles – mencionadas por Darwin como qualidades que tornam os indivíduos mais aptos – sejam importantes, a sociabilidade é a maior vantagem na luta pela vida. É o que podemos ver inclusive na vida humana ainda que no capitalismo, pois se não fosse a sociabilidade humana (mesmo que seja alienada) nós não teríamos o conhecimento, as tecnologias e os benefícios historicamente produzidos pelo homem. Kropotkin escreve que a solidariedade é uma qualidade inerente ao ser humano, e que nem as instituições coercivas como o Estado conseguiram acabar com a cooperação voluntária.

Os últimos dias de sua vida foram dedicados a divulgação de seus ideais, morre em 8 de Fevereiro de 1921 pregando que sua maior contribuição foi dar abordagem científica aos ideais anarquistas. Na visão de Woodcock (2002), sua maior contribuição foi promover a humanização do anarquismo e estabelecer uma relação entre teoria e a prática.

Nesta pesquisa, como já foi dito, pretende-se fazer uma análise e possível ligação da teoria anarquista comunista de Kropotkin com comunidades que hoje vivem num sistema de cooperação mútua e auto-sustentabilidade, como é o caso da Comunidade Yuba localizada

no município de Mirandópolis/SP. Situação que nos permitirá compreendermos como se expressam no capitalismo contemporâneo os ideais fundamentais da doutrina anarquista comunista de Kropotkin, a partir de uma experiência rural camponesa alicerçada no trabalho comunitário, na ajuda mútua e na auto-governabilidade.²

A Comunidade rural Yuba e a utopia camponesa da autosustentabilidade³

A **Comunidade Yuba** tem sua origem na imigração de japoneses que vieram a partir da década de 1920 para o Estado de São Paulo. Alguns destes imigrantes planejaram construir um núcleo de colonização diferenciado que facilitasse a sua integração com a sociedade brasileira. “O núcleo chamaria-se ‘Aliança’, que tem o significado de ‘dar as mãos’ – sugerindo cooperação mútua”. (YAZAKI, 2004, p. 7).

A colonização das Alianças começou em 1924. Já em 1927, tinha uma área de 7.200 alqueires localizados nos distritos da 1ª, 2ª e 3ª Alianças no município de Mirandópolis/SP. (Figura 1)

Figura 1 - Localização do município de Mirandópolis onde encontra-se a Comunidade Yuba



Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:SaoPaulo_Municip_Mirandopolis.svg>

Dentro deste ideal camponês destaca-se uma vida regada ao trabalho na terra, onde a terra é um bem de todos; o incentivo a religião, a arte como a música, pintura, escultura. Issami Yuba, o grande idealizador da Comunidade, segundo a literatura, se destacava como liderança na região das Alianças. Como primeiro passo ele organizou a Cooperativa ‘*San Sei Ren*’ pregando uma ocupação e cultivo não predatório, buscando a fixação do homem no campo. Com isso, Yuba colocou em prática, no final dos anos 30 do século passado, um projeto pioneiro no interior do estado de São Paulo que era o trabalho em bases comunitárias com Avicultura, nesta época a Comunidade chegou a ter 300 membros (SILVA, 1988). Devido a problemas financeiros é decretada a falência da Sociedade em 1956, com os integrantes tendo que deixar a Comunidade com todas as benfeitorias e pertences. Neste momento ocorre a cisão da Comunidade que na época contava com 200 pessoas. Metade deste contingente acompanhou Issamu e foi para uma gleba de 10 alqueires que havia sido cedida por um amigo de Yuba que morava nas Alianças, e a outra

² Cabe destacar que já conhecemos a Comunidade Rural Yuba que foi nosso objeto/sujeito de estudo na monografia de bacharelado em geografia, sob orientação da Profª Drª Rosemeire Aparecida de Almeida.

³ Estamos trabalhando com o conceito de campesinato segundo Almeida (2003), para quem o camponês é aquele sujeito em que a figura do trabalhador rural não se encontra divorciada da figura do dono das ferramentas de trabalho, dentre elas a terra.

parte (que futuramente vai formar a Comunidade Sinsei⁴) ficou morando e trabalhando em outras terras.

Após a crise financeira parte da Comunidade que seguiu Issami Yuba continuou investindo na avicultura como principal atividade, porém, vivendo em Mirandópolis nesta área rural cedida, já iniciam a diversificação da produção. Em 1961 insere-se no grupo o casal de artistas Hissao e Akiko Ohara, ele escultor ela bailarina, com a chegada do casal o balé passa a ser praticado de uma forma mais profissional, fazendo apresentações em todo o Brasil e no Japão. Em 1976, num acidente automobilístico, Issamu Yuba vem a falecer e “A partir de então a Comunidade passou a ser liderada, como bem salienta Adachi, econômica e oficialmente por seu filho primogênito, Tetsuhiko Yuba, e culturalmente por Akiko Ohara” (MARCOS, 1996, p. 71).

Conseqüentemente ocorreram algumas mudanças na Comunidade e a atividade principal de produção passou a ser a fruticultura da goiaba.

Segundo Marcos (1996), como Tetsuhiko era menos autoritário que Issamu a Comunidade deixou de ter uma administração com poder centralizado, vindo existir assim a constituição de “outros poderes”. Alguns destes “líderes” tiveram permissão para formar “caixas” particulares, ficando com todo ou grande parte do dinheiro provindo dos produtos que produzem, e/ou de seus serviços prestados, situação que é motivo de conflito na Comunidade como verificamos no trabalho de campo da monografia.

Em 2003, Tetsuhiko Yuba falece por problemas de saúde, então a Comunidade decide formar uma associação, o irmão de Tetsuhiko Yuba, que mora nos Estados Unidos, segundo os relatos, foi na verdade o mentor desta associação. Juridicamente reconhecida como Associação Comunidade Yuba (ONG), tendo como Presidente Luiz Tsuneo Yuba.

Atualmente, a Comunidade Yuba tem cerca de 70 pessoas divididas em 26 famílias, tendo poucos solteiros. Vivem numa área de 35 alqueires no distrito da primeira Aliança no município de Mirandópolis – SP. A língua oficial é a japonesa, mas a maioria fala o português. A Comunidade é rural e continua tendo como base o princípio de cooperação mútua nas diversas atividades desenvolvidas, tem como princípio norteador a articulação entre o trabalho, a arte e a religião.

Figura 2 - Integrantes da Comunidade em 2005



Fonte: <http://www.brasil-ya.com/yuba/news_frameset.html>

Os entrevistados moradores da Comunidade Yuba fizeram questão de citá-la como sendo uma grande família. Todos lembraram também que nela não é necessária a execução ou criação de leis, muito menos de “banco de horas”, pois todos sabem de suas tarefas e da necessidade de executá-las para o bem comum. Situação que muito nos faz lembrar as idéias de Kropotkin de autogovernabilidade.

⁴ Comunidade rural localizada no município vizinho de Guaraçaí, preserva ainda os mesmos ideais de vida em comum de sua fundação, conta hoje com apenas 20 integrantes na sua grande maioria idosos.

Há alguns moradores na Comunidade vindos do Japão. Mas há também aqueles que saem para trabalhar no Japão como *dekasseguis*, outros vão para estudar. Conversando com os moradores da Comunidade, eles informaram que cerca de metade das pessoas que saem para trabalhar e estudar retornam, outra parte fica nas cidades e às vezes visitam os parentes que ficaram na Comunidade trazendo ajuda financeira.

A Comunidade recebe visitas regularmente, na sua maioria de japoneses e mestiços, e de pessoas diversas que ficam sabendo de sua existência e por curiosidade vão conhecer, são estudantes de escolas e universidades, como também representantes de jornais, revistas e televisão. Logo uma das fontes de renda acaba sendo o turismo. Para morar alguns dias na Comunidade é necessário pagar uma taxa diária. Os visitantes que se fixam temporariamente têm tratamento semelhante ao dos membros da Comunidade, ou seja, tem o mesmo cotidiano no trabalho e na prática das artes, uma vez incorporado a dinâmica da Comunidade não mais necessita pagar a taxa como turista.

A Comunidade está numa área de 35 alqueires, em que não existe propriedade privada para nenhum membro. Toda área pertence a todos, não existe portão na entrada, e nenhum tipo de cerca entre as casas dentro da Comunidade.

A Comunidade tem várias casas na sua grande maioria de alvenaria, divididas em: casas com famílias, onde cada família vive em uma casa; casa dos solteiros, onde cada pessoa tem um quarto com seus pertences; casas das visitas, divididas em quartos que são usadas também por turistas. Cada família é responsável pela limpeza de sua casa.

Algumas casas possuem banheiros, outras não, pois há banheiros comunitários, e existe também o ofurô para o banho. Para os maquinários e tratores existe uma oficina em que são reparados e consertados, na maioria das vezes pelos próprios membros da Comunidade. Há também um veículo para saídas das pessoas para a cidade, para compras, ou para passeios dos jovens.

A **produção** da Comunidade é dividida em produção para *consumo interno* e *vendas externas*. Os produtos para *consumo interno* são: o Leite; o adubo orgânico para as plantações em geral; o Porco que também é criado na Comunidade; a avicultura; legumes e verduras produzidas em uma horta; cana-de-açúcar para o gado; e as frutas produzidas para venda que também são consumidas e, por fim, a cerâmica que também é parte vendida e outra para uso da Comunidade.

Já os produtos das *vendas externas* são: Goiaba, Manga, Abobrinha, Abóbora paulista; Quiabo, Cogumelos Shiitake; Milho verde, que é comprado de terceiros e empacotado e vendido para fora; Cerâmicas e, esporadicamente, alguns porcos.

Figura 3 – Plantação e colheita da Goiaba



Fonte: Trabalho de Campo, 2006.

O **trabalho** na Comunidade embora baseado no rodízio há uma certa flexibilidade, pois existe pessoa especializada em determinada produção que fica responsável por ela enquanto a maioria faz rodízio semanal, alternando suas tarefas.

Na grande parte das funções – exceto das cozinheiras – a jornada de trabalho é feita de segunda a sábado, quando, desde os velhos tempos, é feito o anúncio de que as refeições estão à mesa ao som de um berrante às 6:45 da manhã e às 7:45 os trabalhadores saem para seus afazeres. O almoço e a sobremesa são servidos das 12:00

às 14: 00, e a janta é servida às 18:30. Entre estes períodos a alimentação é livre para as pessoas que quiserem comer frutas, pão, chá, sucos etc, podendo se servir à vontade.

No entanto eles explicam que estes horários são maleáveis, contanto que a pessoa faça sua parte no serviço, ou cumpra sua tarefa, o restante do tempo é livre para se dedicar ao que lhe interesse.

Figura 4 – Cozinha em comum



Fonte: Trabalho de Campo, 2006.

Já a limpeza dos banheiros comunitários e do ofurô, é feita por grupos, que também usam o sistema de rodízio semanal de suas tarefas. A lavanderia é comunitária para os solteiros e visitantes, tendo uma pessoa responsável pelas roupas pessoais e de cama. Já as roupas dos que constituem famílias são responsabilidade da própria família.

A divisão das tarefas não é determinada por ninguém, mas as crianças que completam o 5º ano escolar já são enviadas, na sua maioria, para a colheita, poda e seleção da goiaba e manga. Todavia se futuramente quiser mudar de ocupação, é livre para isto, desde que a mudança traga algum benefício para a Comunidade não importando qual, o fundamental é não prejudicar a estabilidade do grupo no tocante a divisão das tarefas, ou seja, é preciso manter equilíbrio.

Durante os trabalhos de campo, observamos algumas crianças limpando a piscina e o vestiário com satisfação, todas com botas e algumas com luvas usadas como equipamento de segurança. As moças trabalhando no carregamento e seleção da goiaba também com risos e brincadeiras. Vimos que não é um trabalho forçado/alineado, é um trabalho voltado para a Comunidade como pregava Kropotkin.

Indagamos a respeito dos conflitos, por exemplo, o caso de uma pessoa não estar com vontade de trabalhar, ou sua tarefa estar abaixo da produtividade geral e ouvimos que não é proibido, mas que raramente acontece, pois cada um conhece sua responsabilidade e tem respeito com os demais integrantes, logo que disso depende a existência da Comunidade a 71 anos.

Esta situação mostra o apelo a responsabilidade social que predomina na Comunidade, ou seja, o pensando no grupo e não no indivíduo. Segundo os relatos, os trabalhos não são classificados como melhores ou piores, todos têm o mesmo peso, independentemente de que se gere algum benefício financeiro ou não.

Logo, ninguém é forçado a trabalhar segundo uma contabilidade de horas e regras e os frutos do trabalho são distribuídos conforme a máxima anarquista comunista que é *“de cada um de acordo com suas possibilidades, para cada um de acordo com suas necessidades”*

Porém, verificamos que existem algumas exceções, onde integrantes se tornam privilegiados quando o fruto de seu trabalho não vai para o “caixa-comum”, sendo desfrutado individualmente. Segundo depoimentos, existe a possibilidade para alguns de formar “caixas individuais”, contribuindo apenas esporadicamente para o caixa-comum.

Como já foi mencionado, em 17 de novembro de 2003 tornou-se juridicamente reconhecida a “Associação Comunidade Yuba”, uma ONG composta pelo Presidente Luiz Tsuneo Yuba, pelo Secretário e um Tesoureiro. As explicações por nós coletadas indicam também que a liderança do presidente é uma forma de resolver os problemas burocráticos,

pois a função do líder não é exercida na sua essência como forma de autoridade, ou seja, tudo é decidido nas reuniões desde a compra de roupas até o investimento em maquinários.

Com o início da Associação os jovens começaram a ter voz ativa nas reuniões, pois quando os líderes Issamu e Tetsuhiko Yuba comandavam os jovens não tinham suas idéias levadas em conta e valorizadas pelos membros mais velhos, como revelou um dos entrevistados.

A presença de pessoas para morar na Comunidade que não são Japoneses ou descendentes não é proibida. Conversamos com um recente integrante que está morando na Comunidade há mais de um ano, ele é o primeiro brasileiro não mestiço a morar definitivamente com os “Yubas”. Diz ele que ficou sabendo sobre a Comunidade através de um amigo, resolveu conhecer e ficou, porém disse que foi - e é - muito difícil a adaptação.

Tendo em vista que este foi o primeiro não mestiço a fazer parte da Comunidade, percebe-se uma recente abertura para pessoas “estranhas”, talvez uma necessidade da própria Comunidade já que a maioria dos moradores são parentes.

Todos entrevistados consideram que com a mudança da Comunidade em Associação e a descentralização do poder exercido por Issamu Yuba e seu primogênito Tetsuhiko Yuba, todos os aspectos mudaram para melhor. Reconhecem que mudanças ainda precisam ocorrer para uma maior democratização, pois existem problemas a serem resolvidos como os referentes ao caixa-comum.

O **“caixa-comum”** é uma conta bancária, em que é depositado o dinheiro provindo das vendas das produções da Comunidade, e de onde é retirado o dinheiro para pagar contas dos seus membros e para cumprir os compromissos firmados com terceiros.

Este “caixa” existe desde a criação da Comunidade, ficando sob total gerência e manuseio de Issamu Yuba, até sua morte, passando para Tetsuhiko, seu filho. Após a criação da associação este “caixa” ficou sob a responsabilidade do tesoureiro. Ele é quem tenta fazer o controle do dinheiro que entra e que sai na Comunidade, os gastos com grandes aquisições, como viagens e estudos de alguns membros é decidido em reunião. Já as coisas do dia-a-dia como roupas, remédios e comida precisam apenas de solicitação, sem necessidade de reunião. O tesoureiro tem o poder de vetar a compra de algum material, mas nos relatos foi visto que é muito difícil a proibição de compra de algo, ou de viagem, só quando na época há muita escassez de dinheiro por conta de algum prejuízo como quebra de máquina ou de perda agrícola. Apreendemos também que os integrantes já tem uma certa noção de não gastar com supérfluos e que isso não afeta em nada a boa qualidade de vida destes. Esta consciência permite às pessoas viajarem para passear, visitar parentes em São Paulo, Japão, Estados Unidos, estudar, fazer estágio, etc. Situação que acontece constantemente com os integrantes da Comunidade como nos foi revelado.

Nos relatos foi constatado que o “caixa-comum” existe e funciona, porém com problemas, pois com a morte de Issamu Yuba foi-se constituindo outros “caixas” individuais.

Percebemos nos relatos que, nos tempos de Issamu e Tetsuhiko, devido as situações difíceis de falências acabou-se criando em alguns membros um descontentamento e desconfiança de se depositar todo o dinheiro no “caixa-comum”. Estas pessoas guardam lembranças dos tempos passados e por isso ficam com “um pé atrás” de por todo o dinheiro no caixa-comum. Situação que acaba colocando-os de uma forma ou de outra como privilegiados. No caso das aposentadorias recebidas pelos mais velhos também existe o problema, pois grande parte fica com o dinheiro individualmente, e somente alguns depositam no “caixa-comum”.

O tesoureiro da Associação não concorda com a existência destes outros “caixas”, diz que depois da criação da Associação melhorou muito e que está propondo e lutando para que todos passem a aderir ao “caixa-comum”.

Vimos estes problemas e também a esperança de mudança na luta e busca do “caixa-comum” de todos e para todos. Registramos exemplos de pessoas que já estão contribuindo nesta direção e levando as poucas pessoas que ainda não estão a se inserir novamente no “caixa-comum”. Tudo indica que por meio do exemplo e havendo uma maior estabilidade da Comunidade, todos possam voltar a fazer parte do “caixa-comum”

As **atividades culturais** são praticadas pelos integrantes da Comunidade em meio ao trabalho duro da roça, não existe uma divisão rígida das atividades e do espaço, por exemplo, o palco do balé também serve para secagem da soja para preparo do shoyo, é possível na hora do almoço escutarmos alguém ao piano ou tocando violino. Situações que também colocam na prática as afirmações do Kropotkin para quem o trabalho deveria ser prazeroso, uma atividade mesclada com a arte. Como parte do incentivo a arte na Comunidade, destacamos: O Museu “Osamu Sato”, a confecção de cerâmicas; a confecção de móveis; produção de peças e esculturas em rocha e madeira; a pintura; a prática de *Hay Kay*.

Nos Esportes o que predomina é o baseball, seu fundador Issamu Yuba foi quem praticamente introduziu o esporte no Brasil. Hoje continua sendo praticado na Comunidade.

A Comunidade tem instrumentos musicais como: piano; violinos, violoncelos, clarinete, flautas, acordeão, e violão, são ouvidos durante todo o tempo de folga dos integrantes, cada um toca aquele que melhor se identifica. As crianças são ensinadas pelos mais experientes sem rigidez ou horários pré-estabelecidos.

O *balé* é a principal atividade cultural e projeta o nome da Comunidade nacional e internacionalmente. É nele que encontramos todas as gerações dividindo o mesmo palco no campo das artes. Desde a chegada de Akiko Ohara em 1961, formada em dança contemporâneo em Tóquio, as apresentações já passam de 800 recebendo vários prêmios. As apresentações chamam a atenção pela técnica, diversificação e originalidade. Já tiveram cenários desenhados por artistas renomados como Manabu Mabe e Yashika Takaoka.

Figura 5 – Apresentação do Balé Yuba



Fonte: Trabalho de Campo, 2006.

O desenvolvimento que alcançaram no campo cultural e/ou das artes é algo que impressiona e parece sem limites, uma arte livre em que a força comunitária mostra suas marcas a cada forma, seja na escultura ou no passo do balé, em que é exaltada e sentida a intensidade da vida em comum.

Nessa explanação da Comunidade Yuba nos vem à lembrança as seguintes palavras de Kropotkin:

Y con el trabajo en común de la tierra recobrarán su unidad las sociedades redimidas [...]. Pudiendo en adelante concebir la solidaridad, ese inmenso poder que centuplica la energía y las fuerzas creadoras del hombre, la nueva sociedad marchará a la conquista del porvenir con todo el vigor de la juventud [...] buscando en su mismo seno necesidades y gustos que satisfacer, la sociedad asegurará ampliamente la vida y el bienestar a cada uno de sus miembros, al mismo tiempo que la satisfacción moral que da el

trabajo libremente elegido y libremente realizado y el goce de poder vivir en hacerlo a expensas de la vida de otros. (KROPOTKIN, 2006, p. 119-120).

Pretendemos com este artigo assinalar que apesar do engessamento que o sistema capitalista nos determina em todos os aspectos de nossa vida cotidiana, gerando a veneração ao individualismo e a criação de instituições coercivas como o Estado e as grandes corporações empresariais, isso não consegue acabar com o instinto humano de ajuda mútua. Ele é mais importante para nossa existência que a competição, como ensinou o geógrafo Kropotkin. Portanto, mesmo com os vícios e o engessamento que o capitalismo nos proporciona ainda temos comunidades que tentam viver a margem deste sistema no mundo todo, e a Comunidade Yuba é um exemplo disto a nos desafiar na busca de sua compreensão.

Assim, as obras de Kropotkin tornam-se atuais, pois nos revelam uma nova utopia e contribui para pensarmos e lutarmos por uma outra sociedade, com valores fundados no homem, em que o individualismo, o consumo de futilidades, a super produção e o trabalho abstrato não tenham o foco central, mas sim, o trabalho e o consumo conforme as necessidades individuais de cada um, tendo como base a ajuda mútua, como podemos ver entre os Yubas.

Essas são apenas algumas considerações, o ponto de partida – que é a realidade -, cabe ainda investigarmos seus limites e potencialidades, discutirmos se é possível expandir o modo de vida Yuba para a sociedade como um todo, em particular para o campo brasileiro carente de debates que contemplem um modelo de vida rural com autonomia e soberania alimentar. É assim que acreditamos estar contribuindo no debate que nega projetos de desenvolvimento rural voltados ao agronegócio, a vinculação ao mercado e a produção de *comodities*.

Buscando a conclusão

Pensar nos desafios do pensamento geográfico no tocante a construção de uma sociedade mais humana neste momento do capitalismo, é de extrema importância. Tarefa que a Geografia sempre abraçou desde os tempos de Elisée Reclus, que denunciava as mazelas provindas dos governos imperialistas, passando por Yves Lacoste que defendia uma geografia a serviço da mudança da sociedade, até Milton Santos que destacava a importância da solidariedade como base da construção de uma outra forma de se pensar o mundo e as relações globais/locais. Todos estes autores acreditavam em uma geografia que devia servir para a mudança da sociedade e não para o desenvolvimento das forças produtivas, leia-se manutenção do *status quo*. Portanto, é dentro desta concepção de uma Geografia mais humana, comprometida com as mudanças sociais que faz sentido resgatar as contribuições do geógrafo Kropotkin.

Acreditamos que para haver uma verdadeira mudança na sociedade atual o caminho a se seguir é o da crítica radical, é por meio dela que podemos desmistificar e quebrar princípios arraigados na nossa sociedade como, por exemplo, o de se confiar na representatividade política, delegando o poder a outros.

Como ensina Kropotkin, isto acaba com o espírito de ajuda mútua entre os homens, que já não se vêem como participantes e atuantes na sociedade, deixando sempre para que outros façam a melhoria e o desenvolvimento da sociedade. É preciso pensar que por meio de relações mais simétricas podemos construir um desenvolvimento mais humanitário, logo menos material.

Ao longo deste artigo demos destaque para os ideais do anarquismo comunista de Kropotkin, tanto pela sua formação voltada aos estudos geógrafos como por entendermos que seus ideais têm eco entre nós. Neste sentido, é interessante lembrar que ele pregava o ideal de expropriação dos bens da humanidade, onde tudo é de todos, da não-propriedade privada, onde as terras são cultivadas em comum, o princípio da não-autoridade, ou seja, da liberdade e autonomia como princípio, do desenvolvimento livre da ciência e das artes para

todos, da produção conforme a possibilidade de cada um e o consumo conforme a necessidade. Por outro lado, acreditamos ser possível encontrar práticas na atualidade que se aproximam destes ideais como as vivenciadas pelos moradores da Comunidade Yuba.

Neste sentido, podemos afirmar que a pesquisa junto aos Yubas permitiu entender primeiramente que os objetivos dos membros entrevistados é continuar a vivência em comunidade. Por sua vez, a continuação e/ou aperfeiçoamento da Comunidade Yuba rumo a uma maior igualdade, portanto a superação dos “privilégios” de alguns de seus membros, depende de tempo para que os exemplos dos voluntários convençam pelo apelo moral os mais reticentes (como pensava Kropotkin), entendemos que é preciso também maior diálogo principalmente a respeito deste assunto que nos pareceu ser tratado como “tabu”. Pois, a continuidade das desigualdades pode agravar-se e, com isso, a vida comunitária, em cooperação mútua, dará lugar ao individualismo.

Atualmente vivemos num sistema que venera o individualismo em meio a graves problemas sociais e ambientais, neste cenário as obras de Kropotkin tornam-se atuais, pois elas falam de uma nova sociedade e já podemos vê-la em prática entre os Yubas. Isso contribui para pensarmos e lutarmos por estes ideais comunitários em que o individualismo, o consumo de futilidades, a super produção e o trabalho abstrato não tenham o foco central, mas, sim, o trabalho prazeroso, a arte e o consumo conforme as necessidades individuais de cada um, tendo como base à ajuda mútua.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Rosemeire A. O conceito de classe camponesa em questão. Revista Terra Livre. São Paulo: AGB, n. 21, vol. 2, jul./dez./2003, pp. 73-87.

COMUNIDADE YUBA. Comunidade Yuba. Disponível em <<http://www.brasil-ya.com/yuba/>>. Acessado em: 22 de maio de 2006.

KANZAWA, Lucille. Lavrando arte. Revista Terra. Disponível em <http://www.2uol.com.br/caminhosdaterra/reportagens/152_lavrando.shtml> Acessado em: 22 de maio de 2006.

KROPOTKIN, Piotr. A anarquia. Sua filosofia, seu ideal. São Paulo: Imaginário, 2000. 77p.

_____. El apoyo mutuo. Disponível em: <http://biblionline.site.voila.fr/reserve_4/el_apoyo_mutuo.pdf> acessado em: 05 Janeiro 2006.

_____. La conquista del pan. Tradução de León-Ignacio. digitalizada por J. de M. Jannos. 2006. Disponível em: <<http://www.hipernet.ufsc.br/foruns/autonomia/kropotkin/conquista/index.html>> acessado em: 15 abril 2006. 120p.

_____. Palavras de um revoltado. Tradução de Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Imaginário : Ícone Ed., 2005. 278 pp.

MARCOS, Valéria de. Comunidade Sinsei (u)topia e territorialidade. Dissertação de Mestrado. São Paulo, 1996. 400 pp.

_____. A construção do território camponês – entre velhas e novas utopias. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina. São Paulo, 2005. p. 8523 – 8542.

MENDES, Eduardo R. A vida e obra do geógrafo anarquista Piotr Alexeevich Kropotkin e seus ideais na atualidade: estudo de caso da comunidade Yuba em Mirandópolis-SP. Monografia. Três Lagoas, 2006. 101 pp.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVA, Edima A. Comunidade Yuba – uma realidade agrícola e cultural em Mirandópolis. Monografia. Presidente Prudente, 1988. 72 pp.

WOODCOCK, George. História das idéias e movimentos anarquistas - Vol. 1 A idéia. Tradução de Júlia Tettamanzy. Porto Alegre: L&PM, 2002. 280 pp.

_____. História das idéias e movimentos anarquistas - Vol. 2 O Movimento. Tradução de Júlia Tettamanzy. et. al. Porto Alegre: L&PM, 2002. 320 pp.

_____. Os Grandes escritos anarquistas. 3ª Ed. Tradução de Júlia Tettamanzy e Betina Becker. Porto Alegre: L&PM, 1985. 360 pp.

YAZAKI, Masakatsu. Associação Comunidade Yuba. São Paulo, 2004. 12 pp.

Artigo recebido maio de 2007

Artigo reenviado julho de 2007

Artigo aprovado julho de 2007